

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 66

Data: 26/09/86

Pg.:

Posseiros já são retirados das terras dos Xacriabás

ITACARAMBI (Dos enviados especiais Wagner Seixas e Celson Birro) — Com apoio logístico da Prefeitura de Itacarambi, da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil, do 10.º BPM de Montes Claros e do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, cerca de 500 posseiros começaram ontem a abandonar a Reserva Xacriabá, deixando para trás casas, plantações e animais. Na primeira etapa da operação, retirados, pouco mais de 50 colonos conseguiram deixar a área, pois os motoristas de Itacarambi se recusaram a levar seus caminhões até a reserva, temendo novos ataques dos índios, em pé de guerra desde a manhã de quarta-feira, quando mataram um colono e feriram outro.

A Prefeitura de Itacarambi conseguiu junto ao Cedec, ao DER e ao 10.º BPM o fornecimento de barracas, caminhões-pipas e alimentos para alojar todos os colonos na periferia da cidade. Com a falta de transporte, 90% dos posseiros instalados nas terras dos xacriabás não conseguiram deixar o local e estão escondidos no mato dentro da reserva, aguardando a chegada dos caminhões, de acordo com o assessor da prefeitura local, José Brandão.

Quarenta posseiros se instalaram desde a manhã de ontem na porta da Prefeitura à espera de uma solução para o problema. A operação-retirada, segundo o delegado Antônio Reis, poderia ser garantida pela Polícia Militar, mas o comandante da PM proibiu a entrada de militares na reserva. Também o delegado João Perfeito, secretário-adjunto de Segurança Pública, não autorizou que a polícia ultrapassasse a linha divisória da área. A esperança do delegado é que a Polícia Federal, que chegou ontem à região, garanta a sai-

da dos posseiros. Um esquema especial foi montado para que os caminhões cheguem ao local. Hoje, motoristas do DER vão agilizar a operação. Os únicos reforços recebidos pela delegacia são dois detetives, um de Montes Claros e outro de Belo Horizonte.

Os primeiros colonos que chegaram a Itacarambi estão com medo do futuro. Sem esconder o desespero, Jovelino Araújo Correia, de 73 anos, um dos mais velhos do grupo, não sabe o que vai fazer da vida. Sem os poucos bens que conseguiu juntar com seu trabalho na reserva, agora obrigado a abandonar, e sem perspectiva de trabalho, ele aguarda apenas um remanejamento prometido há anos pelo Incra e pela Ruralminas. "O Brasil é muito grande, nós gostamos da terra e queremos trabalhar. A única solução é uma reforma agrária justa, que garanta a nossa subsistência", diz ele, entre lágrimas, na porta do velho prédio da Prefeitura. Sua posição é aprovada, em silêncio, por Josefa Alkmim, de 110 anos, a mais velha do grupo, nascida e criada na reserva.

Delegado acusa

O delegado Antônio Reis disse ontem que vem mantendo a Secretaria de Segurança Pública informada sobre o conflito na reserva. Ele confirma ter enviado um relatório confidencial à Secretaria, no início do ano, relatando a tensão na região. No documento, ele critica a intransigência dos índios e acusa funcionários da Funai e do Cimi de estarem insuflando os xacriabás para expulsarem os posseiros da reserva.

Segundo o delegado, cerca de 100 índios armados garantem desde anteontem

a posse integral de suas terras. Depois da morte do colono Francisco Alves da Silva na manhã de quarta-feira, os posseiros chegaram a falar em 300 xacriabás fortemente armados. Ele acha o número exagerado e afirma que muitas das armas utilizadas pelos índios são antigos mosquetões que pertenceram à extinta Guarda Indígena, mas não subestima a determinação do grupo em manter a reserva sob absoluto controle.

PF na reserva

Um delegado e cinco agentes da Delegacia de Ordem Política do Departamento de Polícia Federal estão desde a noite de ontem na Reserva Xacriabá. O grupo deixou Belo Horizonte no final da manhã e depois de uma rápida passagem por Manga, seguiu para a reserva. O delegado, cujo nome é mantido em sigilo pelo departamento, está se inteirando da situação na área em conflito e mantendo freqüentes contatos com o superintendente regional, delegado Renato Surette. Os primeiros informes da equipe devem ser divulgados hoje à tarde.

O lavrador Afonso Cosme de Oliveira, de 19 anos, baleado pelos xacriabás na manhã de quarta-feira, continua internado no Hospital de Manga em observação. Afonso estava em companhia de Francisco Alves da Silva, morto pelos índios dentro da reserva, e recebeu dois tiros, um no braço direito e outro nas costas. O lavrador, segundo o médico Renato Costa Franco, do corpo clínico do hospital, ficará internado por mais dois dias e está fora de perigo. O Cimi havia informado à tarde que Afonso tinha morrido na noite de quarta-feira.

Conselho não quer PM na reserva

Marco Antônio Martins

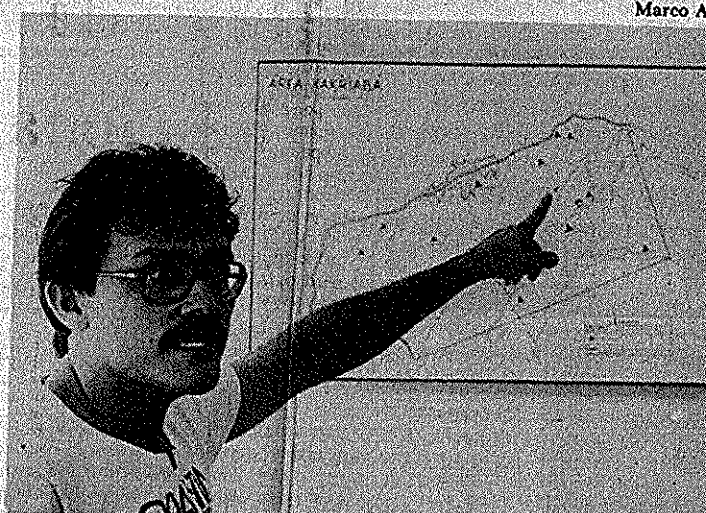
Somente a presença da Polícia Federal pode garantir a suspensão do conflito na Reserva Xacriabá. A opinião é do coordenador do Conselho Indigenista Missionário — Cimi —, da Regional Leste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB —, Fábio Alves dos Santos, segundo o qual a Polícia Militar deve ser mantida afastada da reserva, a pedido dos próprios xacriabás.

"Os índios se concentraram no Posto da Funai e estão aguardando o desenrolar dos fatos. Apela para a presença da Polícia Federal e pedem insistentemente que a Polícia Militar não compareça à área. Sempre que a PM esteve no local não foi para defender os legítimos direitos dos índios, mas para manter sua aliança histórica com a grilagem", disse o coordenador ontem em Belo Horizonte. No final da tarde, ele seguiu para Brasília, onde mantém contato hoje com a Coordenadoria de Terras Indígenas do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário e com a Funai, em busca de soluções para o conflito de Itacarambi.

Acirramento do conflito

"Há mais de 15 anos os índios xacriabás vêm convivendo com toda a sorte de perseguição desferida contra eles por grileiros, pistoleiros e policiais de Minas Gerais", afirma Fábio dos Santos. "Em 1979 a Funai demarcou 46 mil 414 hectares de terra da Reserva Xacriabá. Os invasores, porém, continuaram dentro da área e outros grileiros vieram engrossar o grupo de invasores, entre eles o prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula. A partir de 1985, os conflitos se acirraram. Os grileiros, levados pelo prefeito José de Paula, colocaram pistoleiros para perseguirem os índios. Fizeram intenso trabalho no sentido de jogar posseiros pobres contra os índios e, até mesmo, índios contra índios. Com isso, os conflitos assumiram dimensão inquietadora".

Segundo o Cimi, vários relatórios sobre a violência na região foram encaminhados pelo órgão às autoridades federais e estaduais, solicitando sua intervenção para uma solução pacífica do problema. "Esses apelos simplesmente não surtiram qualquer efeito. Apesar dos pronunciamentos do ministro da Justiça de



Coordenador do Cimi, Fábio Alves, faz várias acusações

não permitir o alastramento da guerra no campo em todas as regiões do País, em maio deste ano um índio foi assassinado e dois outros foram gravemente feridos pelo pistoleiro Alfredo Ferreira Leite — "Alfredão" —, seus filhos e membros da família Vidoca. Os assassinos não foram molestados. Alfredão trouxe de São Paulo mais três filhos para engrossar seu bando. Enquanto isso, o inquérito instaurado pela Polícia Federal para apurar a morte do índio se arrasta numa inexplicável lentidão", diz o coordenador.

Delegado ameaça

A tensão na reserva voltou a crescer no mês passado, apesar de novos apelos feitos pelos índios no dia 22 de agosto ao Ministério da Justiça e à Presidência da República, segundo Fábio dos Santos.

"Ultimamente, Alfredão e seu bando partiram para ataques aos índios nas diversas aldeias da área. No dia 24 de agosto, o índio João Verde foi atacado por Alfredão e seu bando. Saiu ileso, apesar dos tiros disparados contra ele", relata o coordenador. "No dia 28 de agosto, o índio João Didi foi igualmente atacado pelo mesmo bando, sendo rou-

bado em Cz\$1.500,00, um facão e um cavalo. No dia 29, o delegado de Itacarambi, Antônio Reis, acompanhado do grileiro Amaro Ribeiro Sobrinho e de um sobrinho do pistoleiro Alfredão, invadiu a área e espalhou ameaças, até mesmo no Posto da Funai. O seu carro estava carregado de armas".

O Cimi — diz ele — encaminhou representação contra o delegado Antônio Reis à Corregedoria de Polícia, em Belo Horizonte, mas nenhuma providência foi tomada pela Secretaria de Segurança Pública. "Há várias representações contra o delegado na Corregedoria, inclusive das lideranças sindicais na região, devido a seu envolvimento com grilagem de terras".

Impunidade e proteção

Existe muita tensão na área xacriabá e os índios temem novo ataque dos grileiros, de acordo com a Coordenadoria do Conselho Missionário Indigenista: "Os índios sabem que Alfredão conta com a certeza de impunidade e com a cobertura de poderosos grileiros da região, inclusive do prefeito de Itacarambi, que conta com o apoio do deputado Humberto Souto, vice-presidente da Câmara dos Deputados".

Delegado Almir vai a júri

O delegado de Polícia Civil Almir Correa de Lacerda, de 46 anos, foi pronunciado e mandado a julgamento popular ontem pelo juiz sumariante do I Tribunal do Júri, Kelsen do Prado Carneiro, mas poderá aguardar em liberdade o júri por ser primário e não possuir antecedentes desabonadores. Almir Lacerda será julgado pelo homicídio simples, como foi denunciado, praticado em 24 de março de 1984 contra o motorista de táxi Nilson Ferreira Euzébio, de 23 anos, morto com seis tiros de revólver em frente ao número 2.484 da rua São Paulo, no bairro Lourdes.

Segundo os autos, Nilson mantinha um romance com a filha do delegado Almir Lacerda, a menor M.R.L., de 14 anos, estudante do Colégio Estadual "Milton Campos". O réu não aprovava o namoro da fi-

lha com o motorista de táxi porque este último não estaria no mesmo nível social que o seu. Depois de uma breve separação, M.R.L. e Nilson voltaram a se encontrar, mas sempre às escondidas, pois temiam por uma reação violenta do delegado de polícia. Desconfiando da filha, Almir passou a vigiá-la de perto, até encontrá-la junto com Nilson.

Na tarde de 28 de março de 1984, Nilson passava pela Praça Floriano Paixoto, no bairro Santa Efigênia, local onde M.R.L. esperava pelo ônibus que a levasse ao colégio. Nilson ofereceu-lhe carona e ela aceitou. Na porta do Colégio Estadual, o casal ficou conversando por algum tempo, até que chegou Almir Lacerda. Houve uma rápida discussão, o delegado descarregou sua arma contra ele, matando-o na hora.